

Os sapatos vermelhos

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Havia uma menininha tão delicada e tão graciosa, mas no verão precisava andar sempre descalça, porque era pobre, e no inverno com grandes tamancos, de modo que o peito do pezinho ficava todo vermelho, uma coisa horrível de se ver.

No meio da aldeia morava a velha mulher do sapateiro; ela costurava, tão bem quanto podia, um par de sapatinhos com velhas tiras de tecido vermelho. Eram bastante desajeitados, mas feitos com boa intenção, e seriam dados à menininha. A menina se chamava Karen.

Justamente no dia em que sua mãe foi enterrada, recebeu os sapatos vermelhos e os usou pela primeira vez. Não eram, na verdade, calçados para o luto, mas ela não tinha outros e assim os levou, com as pernas nuas, seguindo o pobre caixão de palha.

Nesse instante chegou uma grande carruagem velha, na qual estava sentada uma grande senhora idosa; ela olhou para a menininha e sentiu pena, e disse ao pastor: “Escute, dê-me essa menininha, que serei boa para ela!”

E Karen pensou que tudo aquilo fosse por causa dos sapatos vermelhos; mas a velha senhora disse que eram horríveis, e eles foram queimados. Karen, porém, foi vestida com limpeza e cuidado; teve de aprender a ler e a costurar, e as pessoas diziam que ela era graciosa, mas o espelho dizia: “Você é muito mais que graciosa, é linda!”

Certa vez a rainha viajou pelo país e levou consigo sua filhinha, que era princesa. As pessoas se aglomeraram diante do castelo, e Karen também estava lá; a princesinha apareceu numa janela com suas roupas brancas e se deixou admirar. Não tinha cauda no vestido nem coroa de ouro, mas lindos sapatos vermelhos de marroquim; eram, sem dúvida, bem mais elegantes que os que a mulher do sapateiro costurara para a pequena Karen. Nada no mundo se podia comparar a sapatos vermelhos!

Agora Karen já tinha idade para ser confirmada; ganhou roupas novas e também devia ganhar sapatos novos. O rico sapateiro da cidade tirou as medidas de seu pezinho; foi na sala da própria casa dele, onde havia grandes armários envidraçados com sapatos encantadores e botas lustrosas. Tudo parecia bonito, mas a velha senhora não enxergava bem e por isso não tirava prazer daquilo. Entre os sapatos havia um par vermelho, exatamente como o que a princesa usara: como eram bonitos! O sapateiro disse ainda que tinham sido feitos para um filho de conde, mas não haviam servido.

“Deve ser couro envernizado!”, disse a velha senhora. “Como brilham!”

“Sim, brilham!”, disse Karen. E serviram, e foram comprados; mas a velha senhora não sabia que eram vermelhos, pois nunca teria permitido que Karen fosse à confirmação com sapatos vermelhos, mas foi o que ela fez.

Todos olhavam para seus pés, e, enquanto ela caminhava pela igreja até a porta do coro, parecia-lhe que até as velhas imagens sobre as sepulturas, aqueles retratos de pastores e de mulheres de pastores com golas duras e longas roupas pretas, fixavam os olhos nos seus sapatos vermelhos. E só neles pensava quando o pastor pôs a mão em sua cabeça e falou do santo batismo, da aliança com Deus e de que agora ela devia ser uma pessoa cristã adulta. O

órgão tocava tão solenemente, as belas vozes infantis cantavam, e o velho cantor da igreja cantava, mas Karen só pensava nos sapatos vermelhos.

À tarde, a velha senhora soube por toda a gente que os sapatos tinham sido vermelhos, e disse que aquilo era feio, que não era apropriado e que dali em diante Karen devia sempre ir à igreja com sapatos pretos, mesmo que fossem velhos.

No domingo seguinte havia comunhão. Karen olhou para os sapatos pretos, olhou para os vermelhos — e então olhou de novo para os vermelhos e calçou os vermelhos.

Fazia um belo dia de sol; Karen e a velha senhora seguiam pelo caminho entre os cereais; levantava-se um pouco de poeira.

À porta da igreja estava um velho soldado com uma muleta e uma barba estranhamente comprida, mais vermelha que branca, pois era vermelha; ele se curvou até o chão e perguntou à velha senhora se podia limpar seus sapatos. Karen também estendeu o pezinho. “Vejam que belos sapatos de dança!”, disse o soldado. “Fiquem bem presos quando dançarem!” E bateu com a mão nas solas.

A velha senhora deu ao soldado um pequeno skilling e entrou na igreja com Karen.

E todos lá dentro olhavam para os sapatos vermelhos de Karen, e todas as imagens olhavam para eles. Quando Karen se ajoelhou diante do altar e levou o cálice de ouro à boca, só pensava nos sapatos vermelhos; era como se os visse nadar dentro do cálice. E se esqueceu de cantar seu salmo, esqueceu-se de rezar seu pai-nosso.

Então todos saíram da igreja, e a velha senhora subiu na carruagem. Karen ergueu o pé para subir atrás dela; nesse instante o velho soldado, que estava bem perto, disse: “Vejam que belos sapatos de dança!” Karen não pôde resistir, teve de dar alguns passos de dança, e, quando começou, as pernas continuaram dançando, como se os sapatos tivessem adquirido poder sobre elas. Dançou ao redor da esquina da igreja, sem poder parar; o cocheiro teve de correr atrás dela e agarrá-la, e a ergueu para dentro da carruagem, mas os pés continuaram dançando, de modo que ela deu terríveis pontapés na boa velha senhora. Por fim conseguiram tirar-lhe os sapatos, e as pernas sossegaram.

Em casa os sapatos foram postos num armário, mas Karen não conseguia deixar de olhar para eles.

Agora a velha senhora estava de cama, doente; diziam que não sobreviveria. Precisava de cuidados e atenção, e ninguém estava mais próximo para isso que Karen; mas na cidade havia um grande baile, para o qual Karen fora convidada. — Ela olhou para a velha senhora, que afinal não sobreviveria, olhou para os sapatos vermelhos, e nisso achou que não havia pecado algum. — Calçou os sapatos vermelhos, isso ela bem podia fazer. — Mas então foi ao baile, e então começou a dançar.

Mas, quando queria ir para a direita, os sapatos dançavam para a esquerda; quando queria subir pelo salão, os sapatos dançavam para baixo, desciam a escada, seguiam pela rua e saíam pelo portão da cidade. Ela dançava e tinha de dançar, direto para a floresta escura.

Algo brilhou entre as árvores lá no alto, e ela pensou que fosse a lua, pois era um rosto; mas era o velho soldado de barba vermelha. Estava sentado, fazendo sinais com a cabeça, e dizia: “Vejam que belos sapatos de dança!”

Ela então se apavorou e quis jogar fora os sapatos vermelhos, mas eles estavam presos; rasgou as meias para tirá-las, mas os sapatos tinham crescido grudados a seus pés. Ela dançava e tinha de dançar, pelos campos e prados, na chuva e ao sol, de noite e de dia, mas à noite era mais horrível.

Dançou para dentro do cemitério aberto, mas os mortos ali não dançavam, tinham coisa muito melhor para fazer do que dançar. Queria se sentar na sepultura do pobre, onde crescia o amargo tanaceto, mas para ela não havia paz nem descanso. Quando dançou na direção da porta aberta da igreja, viu ali um anjo de longas vestes brancas, com asas que lhe chegavam dos ombros até o chão; seu rosto era severo e sério, e na mão segurava uma espada tão larga e reluzente.

“Você vai dançar!”, disse ele. “Dançar com seus sapatos vermelhos até ficar pálida e fria, até sua pele se encolher como um esqueleto! Vai dançar de porta em porta, e onde morarem crianças orgulhosas e vaidosas, você deve bater, para que a ouçam e a temam! Vai dançar, dançar — —”

“Misericórdia!”, gritou Karen. Mas não ouviu o que o anjo respondeu, pois os sapatos a levaram pelo portão, para o campo, por estradas e caminhos, e sempre tinha de dançar.

Certa manhã dançou diante de uma porta que conhecia bem; lá dentro se ouviam salmos, e carregavam para fora um caixão enfeitado de flores. Soube então que a velha senhora havia morrido, e lhe pareceu que agora estava abandonada por todos e amaldiçoada pelo anjo de Deus.

Dançava e tinha de dançar, dançar na noite escura. Os sapatos a carregavam sobre espinhos e tocos, e ela se rasgava até sangrar. Dançou pela charneca até uma casinha isolada. Sabia que ali morava o carrasco; bateu com o dedo na vidraça e disse:

“Saia! — Saia! — Não posso entrar porque estou dançando!”

E o carrasco disse: “Você não deve saber quem eu sou! Corto a cabeça dos maus, e sinto que meu machado está tremendo!”

“Não corte minha cabeça!”, disse Karen, “porque assim não poderei me arrepender do meu pecado! Mas corte meus pés com os sapatos vermelhos.”

Então ela confessou todo o seu pecado, e o carrasco cortou seus pés com os sapatos vermelhos; mas os sapatos dançaram com os pezinhos pelo campo, para dentro da floresta profunda.

Ele lhe entalhou pernas de madeira e muletas, ensinou-lhe um salmo, o que os pecadores sempre cantam; ela beijou a mão que manejara o machado e atravessou a charneca.

“Agora já sofri bastante por causa dos sapatos vermelhos!”, disse ela. “Agora vou à igreja, para que possam me ver!” E seguiu bem depressa para a porta da igreja; mas, ao chegar, os sapatos vermelhos dançavam diante dela, e ela se apavorou e voltou.

Passou a semana inteira triste e chorou muitas lágrimas pesadas, mas, quando chegou o domingo, disse: “Pronto! Agora já sofri e lutei bastante! Creio que sou tão boa quanto muitos dos que ficam empinados lá dentro da igreja!” E seguiu cheia de coragem; mas não passou do portão, pois viu os sapatos vermelhos dançarem à sua frente, apavorou-se, voltou e se arrependeu de seu pecado de verdade, no coração.

Foi à casa do pastor e perguntou se podia trabalhar ali; seria diligente e faria tudo o que pudesse, não se importava com o salário, contanto que tivesse um teto e pudesse estar com boas pessoas. A mulher do pastor teve pena dela e lhe deu trabalho. Ela era diligente e pensativa. Ficava sentada em silêncio,

escutando, quando à noite o pastor lia a Bíblia em voz alta. Todos os pequenos gostavam muito dela, mas, quando falavam de enfeites, luxo e de ser bonita como uma rainha, ela balançava a cabeça.

No domingo seguinte todos foram à igreja e perguntaram se ela queria ir, mas ela olhou tristemente para suas muletas, com lágrimas nos olhos. Então os outros foram ouvir a palavra de Deus, mas ela entrou sozinha no seu quartinho, que mal comportava uma cama e uma cadeira. Ali se sentou com seu livro de salmos; enquanto lia com espírito devoto, o vento lhe trazia da igreja os sons do órgão. Ergueu o rosto em lágrimas e disse: “Ah, que Deus me ajude!”

O sol então brilhou tão claro, e bem diante dela estava o anjo de Deus de vestes brancas, aquele que vira naquela noite à porta da igreja. Mas ele já não segurava a espada afiada, e sim um belo ramo verde cheio de rosas. Com ele tocou o teto, que se elevou muito; onde havia tocado, brilhava uma estrela de ouro. Tocou as paredes, e elas se alargaram, e ela viu o órgão que tocava, viu as velhas imagens de pastores e de mulheres de pastores; a congregação estava sentada nos bancos enfeitados e cantava pelo livro de salmos, pois a própria igreja tinha ido até a pobre menina no seu quartinho estreito, ou então ela é que tinha ido até lá. Estava sentada no banco com os outros da casa do pastor e, quando terminaram o salmo e ergueram os olhos, fizeram-lhe um sinal e disseram: “Foi bom você ter vindo, Karen!”

“Foi a graça!”, disse ela.

E o órgão soava, e as vozes infantis no coro eram tão suaves e belas. O sol claro entrava tão quente pela janela até o banco da igreja onde Karen estava sentada; seu coração ficou tão cheio de sol, de paz e de alegria que se rompeu;

sua alma voou na luz do sol para Deus, e lá ninguém perguntou pelos sapatos vermelhos.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/os-sapatos-vermelhos>